

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 10 – 2009, OUTUBRO
Assinatura até 31.12.10: 15 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

de rastros, no con lívidos despojos
se amasará de las edades muertas:
sino de las entrañas exploradas
del Universo, surgirá radiante
con la luz y las gracias de la vida.
Para vencer, combatirá primero:
e inundará de luz, como la aurora.

José Julián Martí 1853-1895, Siempre que hundo la mente...
Versos Libres, José Martí Poesía Completa, Tomo I,
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Corri por los lugares más distantes,
vi palacios, sagrarios, monumentos,
centros de industria, artísticos portentos,
capitales soberbias y gigantes.

Pude leer en todos los semblantes
lucha, dolor, idénticos tormentos...
¿Y el lugar de la risa? Desalientos
encontré apenas, más crueles que antes.

Hallé por fin en un pequeño puerto
la fe, la calma, y el consuelo cierto,
todo cuanto me anima y extasia,

nido que la inocencia dulce habita,
avance celestial, playa bendita...
y fue junto a tu cuna, hijita mía.

Afonso Celso 1860-1938, Puerto Celestial

Fulgen armas de guerra en fragor de batalla,
juegan agudas lanzas soldados aguerridos,
y entre fulgor de incendios y rancos alaridos,
se parten las espadas en las cotas de malla.

El suelo está cubierto de cuerpos malheridos,
los héroes se destrozan, diluvia la metralla,
en la tierra un infierno de pavores estalla,
retumban los cañones con secos estampidos.

Reposar pude, al fin, en lo alto de la sierra.
Después de contemplar la pugna fratricida,
los ojos aparté de tanta injusta guerra;

y vi un labrador mozo en la heredad nativa
labrando placentero la vasta y rica tierra,
y otro sembrando pródigo más promesas de vida.

Filinto de Almeida 1857-1945, Grabado en Acero

Quando tus dedos santos al teclado
ebúrneo, arrancan las celestes notas
de esa música extraña, soy llevado
a regiones altísimas e ignotas.

Dejo el mundo, tu vienes a mi lado,
y despreciando realidades rotas,
subo y ascendo con un ser alado
por las puras y líricas derrotas.

Veo el sol en el fondo purpurina
del ocaso, y más alto, penetrando
del cielo por el páramo profundo,
pálido escucho y oigo la argentina
charla de las estrellas, conversando
sobre las tristes cosas de este mundo.

Rodrigo Otavio 1892-1969, Oyendo a Beethoven

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Na biblioteca há mil sábios
a nosso inteiro dispor.
Sem sequer mover os lábios,
cada livro é um professor!
A. A. de Assis, 0710
Trovalegre: Caixa Postal 181
37550-000 – Pouso Alegre, MG

A mais tremenda das armas,
pior do que a durindana,
atendei, meus bons amigos,
se apelida – a língua humana.
Fagundes Varela, 0909
Trovia
alu@mgalink.com.br

Dê tudo para seu filho,
mas não se esqueça jamais
que nada tem tanto brilho
quanto a presença dos pais.
J. Carlos Moreira da Costa, 0710
Sem Limites R Agenor Meira 14-73
17015-301 – Bauru, SP

O pano bem alvejado,
político é parecido,
depois de sujo e lavado
não perde mais o encardido.
José Ouverney, 0610
O Pitiguari, R. Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Quem fala mais do que deve
vai ouvir mais do que quer,
por isso, pegue de leve,
fale o menos que puder...
Lacy José Raimundi, 0909
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia, CE

Venço íngreme ladeira
com afínco e com suor.
Confesso: – me deu canseira.
A descida é bem melhor!
Nide Fontana Beccaccia, 0908
Fanal: R. Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Olhares atentos
para as patas de vaca
flores temporãs.
José Marins

Depois da espetada,
a mão da esposa colhendo
flor de laranjeira.
José Marins

Tanta ventania
nesse final de semana
pipas adiadas.
José Marins

Enchente do rio
a buganvília florida
nas águas barrentas.
José Marins

Eis que nas árvores
as folhas de tenro verde.
Ao brilho do sol.
Sérgio Pichorim

Agora se ouve
o cantar do siriri.
Madrugada clara.
Sérgio Pichurim

Dia de Finados.
Crianças correm e riem
por entre os túmulos.
Sérgio Pichurim

Feira de Haicais, <http://feiradehaicais.blogspot.com/>

QUIDAIIS DE PRIMAVERA – TEMAS DA SAZÃO PRIMAVERA

Com agilidade
a se mexer dentro da água
girinos à beça.
Analice Feitoza de Lima

Lua enevuada
deixa a noite escura.
Curiano canta.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Mexilhões escassos...
Em dias claros, meu pai
vê tudo melhor.
Ercy M. M. de Faria

Outra borboleta
consegue o guri pegar
e põe na garrafa.
João Batista Serra

A brisa carrega
a sacolinha de plástico
visão panorâmica.
José Walter da Fonseca

Vem vindo o avião,
vôo rasante.
Semana da Asa.
Manoel F. Menendez

No Dia do Agrônomo,
uma grande churrascada:
festa na fazenda.
Renata Paccola

Na lagoa calma
de repente águas se agitam
é o baile das rãs. D
Alba Cristina
Um salto no escuro
e o mergulho da rã n'água
quebrando o silêncio. B
Amália Marie Gerda
A rubra magnólia,
no pé despido de folhas,
resplandece ao sol. D
Amália Marie Gerda
À beira do lago,
meninos afugentando
pequenas rãs. D
Analice Feitoza de Lima

Gaiola vazia.
Festa do Dia da Ave
pássaro liberto R
Analice Feitoza de Lima
Por todo o quintal,
exalando o seu perfume
a magnólia em flor. R
Analice Feitoza de Lima
Magnólia florida
enche de branco a varanda.
Cenário de paz. D
Angelica Villela Santos
Saltando no charco,
a rã procura bichinhos.
Vai anoitecendo... L
Angelica Villela Santos

A gaiola aberta,
pássaros em liberdade
no Dia das Aves. D
Argemira F. Marcondes
A rã se amedronta
com a chegada de cães
na beira do brejo. R
Argemira F. Marcondes
No galho pendente
a magnólia floresce.
Abelhas zumbindo. A
Cecy Tupinambá Ulhôa
Sobre a lagoa
gavião voejando.
A rã pula n'água. R
Cecy Tupinambá Ulhôa

Em bando no ar,
passarada voando.
Dia da Ave. R
Cecy Tupinambá Ulhôa
Preso na gaiola,
o seu canto emudeceu.
Dia das Aves. L
Darly O. Barros
Magnólia florida
bem no centro de um jardim.
Paro para olhar. R
Darly O. Barros
Na casa modesta,
um buquê de magnólias
enfeitada a sala. D
Djalda Winter Santos

Grita a velhinha!
Cruzando a ponte do rio,
ao ver uma rã... R
Djalda Winter Santos
No Dia da Ave,
ação contra caçadores
que atuam nas matas. L
Flávio Ferreira da Silva
No cardápio: – rã,
em restaurante francês.
Comensais aprovam. R
Flávio Ferreira da Silva
No Dia da Ave,
com uma certa tristeza,
abro a gaiola. R
Manoel F. Menendez

Planando, a coruja
vem descendo lá do alto.
Uma rã procria. R
Manoel F. Menendez
Menina berrando
ao ver uma rã pulando,
em cima da cama. D
Mª Marlene N. T. Pinto
Magnólia soberba,
no terreiro da fazenda.
Enfeita o canteiro. L
Mª Marlene N. T. Pinto
Beira da lagoa,
ao luar, sem cessar,
coaxar das rãs... D
Neuza Pommer

No jardim da casa
ecoa canto dos pássaros
em meio às magnólias. L
Neuza Pommer
Na varanda
moça tocando violão;
num canto, uma rã. R
Neuza Pommer
Garoto festeja
jogando fora o estilingue
no Dia da Ave. C
Renata Paccola
No Dia da Ave
pássaros em algazarra
misturam seus cantos. L
Renata Paccola

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste.

O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito *no momento da ocorrência*, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos

pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer *certo* este aparente fácil entendido, *só persistindo*. Pratique sempre.

Vamos lá, comece já! Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos.

SELEÇÕES MENSASIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

📧 Até o dia 30.10.09, enviar até 3 haicus de quigos: Água de coco, Caracol, Flamboia. 📧
Até o dia 30.11.09, enviar até 3 haicus de quigos: araucária, Formiga, Rei Momo.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou
mfmenendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

A VIDA EM OBLIVION: OS TRÊS LIVROS (PARTE). OS PERTURBADORES DO SILÊNCIO. O FÍGADO INDISCRETO

A VIDA EM OBLIVION

A cidadezinha, onde moro, lembra soldado que fraqueasse na marcha e, não podendo acompanhar o batalhão, à beira do caminho se deixasse ficar, exausto e só, com os olhos saudosos pousados na nuvem de poeira erguida além.

Desviou-se dela a civilização. O telégrafo não a põe à fala com o resto do mundo, nem as estradas de ferro se lembram de uni-la à rede por intermédio de humilde ramalzinho.

O mundo esqueceu Oblivion, que já foi rica e lépida, como os homens esquecem a atriz famosa logo que se lhe desbota a mocidade. E sua vida de vovó entevada, sem netos, sem esperança, é humilde e quieta como a do urupê escondido no sombrio dos grotões.

Trazem-lhe os jornais o rumor do mundo, e Oblivion comenta-o com discreto parecer. Mas como os jornais vem apenas para meia dúzia de pessoas, formam estas a aristocracia mental da cidade. São “Os Que Sabem”. Lembra o primado dos Dez de Veneza, esta sabedoria dos Seis de Oblivion.

Atraídos pelas terras novas, de ferocidade sedutora, abandonaram-na seus filhos; só permaneceram os de vontade anemiada, débeis, faquirianos. “Mesmeiros”, que todos os dias fazem as mesmas coisas, dormem o mesmo sono, sonham os mesmos sonhos, comem as mesmas comidas, comentam os mesmos assuntos, esperam o mesmo correio, gabam a passada prosperidade,

lamuriam do mesmo presente e pitam – pitam longos cigarões de palha, matadores do tempo.

1908

OS PERTURBADORES DO SILÊNCIO

O silêncio em Oblivion é como o frio nas regiões árticas: uma permanente. Não se compreende a segunda sem o primeiro. Ele a completa; ela o define.

Durante a noite aquele silêncio faz-se inteiriço como a escuridão. Por mais que se apurem, os ouvidos nada ouvem a não ser um vago e remoto ressoar, que lembra miríade de grilos microscópicos em imperceptível surdina chiadeira.

Durante o dia, porém, a integridade do silêncio em Oblivion sofre lesões. Uns tantos rumores, sempre os mesmos e periodicamente repetidos, constelam-no de quebras de continuidade. O velho inimigo do silêncio, o som, a espaços berra, dentro dele, gritos sediciosos, tal o relâmpago que momentaneamente destrói o império das trevas. Mas o silêncio subjuga e absorve o intruso. À frente desse grupo de irreverências está o sino da igreja. Repicando missa aos domingos ou chorando a defunto, alegre ou fúnebre, é o sino o mais violento perturbador do silêncio em Oblivion.

Outra, é a capina trimensal das ruas: o raspar das enxadas perturba o silêncio com a assistência do coaxar do sapo-ferreiro.

Outra, é o fim das aulas. Quando soam quatro

horas o portão do grupo escolar borbota um fluxo de meninos rompidos em algazarra, a berrar, a cantar – e adeus, silêncio.

Outra, e esta deveras notável, é o carrinho da Câmara.

O carrinho da câmara constitui o veículo mais importante de Oblivion – que além dele só conta mais um, o Zé Burro, sólido preto mina empregado no transporte das coisas pesadas. E é o principal por várias razões ponderadas, entre as quais a de ser ele todo de ferro, ao passo que o outro é de carne. Verdade que o carrinho só tem uma roda e o preto tem duas pernas... Mas como a roda do carrinho é bem centrada e as pernas do Zé são cambaias, aquela superioridade desaparece e o carrinho instala-se de vez no primado.

Mas esta questão de primazias não vem ao caso. O caso é a perturbação do silêncio determinada pelo carrinho, fato que se dá da seguinte maneira. Como o carrinho tem pouco serviço e passa a mor parte do tempo a cochilar no depósito, a ferrugem, insidiosa inimiga da inação, sub-repticiamente vem pintar de vermelho o eixo das rodas, de modo que, mal sai à rua o veículo, o pobrezinho do eixo grita como um gotoso, geme, range, ringe – perturbando lamentavelmente o silêncio de Oblivion.

Quando Isaac Factótum – um mulato retaco, grosso e curto como certas taturanas – recebe ordem para ir a tal parte atacar um olheiro de saúvas, o rolete d’homem mete as garrafas de formicida, a enxada e o fósforo dentro do carrinho

e, imagem da compenetração, símbolo da convicção inabalável, parte *nhem-nhim, nhem-nhim*, através das vias principais da cidade, em busca do mal-aventurado olheiro.

De sobreceño carregado, Isaac leva o olhar atentamente fito a frente – para “evitar algum desastre”. Nas ruas desertas apenas um ou outro cachorrinho se estira ao sol. Isaac a vinte passos, divisando o vulto de um, pára, ergue a mão em viseira, firma os olhos.

– Diabo! À mó que é o Jolí do Pedro Surdo? e com uma pedra o espanta: “Sai porquera! Não ouve o carro? Não tem medo de morrê masgaiado?”

E, convencido de que salvou a vida a um cristão, Isaac-Garrafa-de-Licor-de-Cacau retoma os varais e lá segue por Oblivion afora, *nhem-nhim, nhem-nhim*, com solenidade de dalai-lama do Tibete.

Às janelas acode gente. Crianças repimpadas no peitoril gritam para dentro:

– Mamãe, o carrinho *evem* vindo!

Muita moça nervosa deixa a costura e tapa os ouvidos:

– Que inferneira! Não se pode com essa barulhada.

Não obstante, o terrível veículo passa, indiferente à admiração como à censura, garboso, todo de ferro e ferrugem, *nhem-nhim, nhem-nhim*, empurrado pela dignidade infinita de Isaac-Tocodé-Vela.

Enquanto o carrinho da câmara não torna ao depósito municipal, o silêncio não reentra na posse dos seus domínios.

1908

O F Í G A D O I N D I S C R E T O

Que há um Deus para o namoro e outro para os bêbados, está provado – a *contrário sensu*. Sem eles, como explicar tanto passo falso sem tombo, tanto tombo sem nariz partido, tanta beijoca lambiscada a medo sem maiores conseqüências, afora uns sobressaltos desagradáveis, quando passos inoportunos põem termo a duos de sofá em sala momentaneamente deserta?

Acontece, todavia, que esses deuses, ao jeito dos de Homero, também cochilam: e o borracho parte o nariz de encontro ao lampião, ou a futura sogra lá apanha Romeu e Julieta em flagrante contacto de mucosas, petrificando-os com o clássico: “Que pouca vergonha!”

Outras vezes acontece aos protegidos decaírem da graça divina.

Foi o que sucedeu a Inácio, o calouro, e isso lhe estragou o casamento com a Sinharinha Lemos, boa menina a quem cinquenta contos de dote faziam ótima.

Inácio era o rei dos acanhados. Pelas coisas mínimas avermelhava, saía fora de si e permanecia largo tempo idiotizado.

O progresso do seu namoro foi, como era natural, menos obra sua que da menina, e da família de ambos, tacitamente concertadas numa conspiração contra o celibato do futuro bacharel. Uma das manobras constou do convite que ele recebeu para jantar nos Lemos, em certo dia de aniversário familiar comemorado a peru.

Inácio barbeou-se, laçou a mais famosa gravata, floriu de orquídeas a boteeira, friccionou os cabelos com loção de violetas e lá foi, de roupa nova, lindo como se saíra da fôrma naquela hora. Levou consigo, entretanto, para mal seu, o acanhamento – e daí proveio a catástrofe...

Havia mais moças na sala, afora a eleita, e caras estranhas, vagamente suas conhecidas, que o olhavam com a benévola curiosidade a que faz jus um possível futuro parente.

Inácio, de natural mal firme nas estribeiras, sentiu-se já de começo um tanto desmontado com o papel de galã à força, que lhe atribuíam. Uma das moças, criaturinha de requintada malícia, muito *saída* e *semostradeira*, interpelou-o sobre coisas do coração, idéias relativas ao casamento e também sobre a *noivinha* – tudo com meias palavras intencionais, sublinhadas de piscadelas para a direita e a esquerda.

Inácio avermelhou e tartamudeou palavras desconchavadas, enquanto o diabrete maliciosamente insistia: “Quando os doces, *seo* Inácio?”

Respostas mscadas, gaguejadas, ineptas, foram o que saiu de dentro do moço, incapaz de réplicas

jeitosas sempre que ouvia risos femininos em redor de si. Salvou-o a ida para a mesa.

Lá, enquanto engoliam a sopa teve tempo de voltar a si e arrefecer as orelhas. Mas não demorou muito no equilíbrio. Por dá cá aquela palha o pobre rapaz mudava-se de si para fora, sofrendo todos os horrores conseqüentes. A culpa aqui foi da dona da casa. Serviu-lhe dona Luisa um bife de fígado sem consulta prévia.

Esquisitice dos Lemos: comiam-se fígados naquela casa até nos dias mais solenes.

Esquisitice do Inácio: nascera com a estranha idiossincrasia de não poder sequer ouvir falar em fígado – seu estômago, seu esôfago e talvez o seu próprio fígado tinham pela víscera biliar uma fidalgal aversão. E não insistisse ele em contrariá-los: amotinavam-se, repelindo indecorosamente o pedaço ingerido.

Nesse dia, mal dona Luisa o serviu, Inácio avermelhou de novo, e novamente saiu fora de si. Viu-se só, desamparado e inerme ante um problema de inadiável solução. Sentiu lá dentro o motim das vísceras; sentiu o estômago, encrespado de cólera, exigir, com império, respeito às suas antipatias. Inácio parou com o órgão digestivo, mostrou-lhe que mau momento era aquele para uma guerra intestina. Tentou acalmá-lo a goles de clarete, jurando eterna abstenção para o futuro. Pobre Inácio! A porejar suor nas asas do nariz, chamou a postos o heroísmo, evocou todos os martírios sofridos pelos cristãos na era romana e os padecidos na era cristã pelos heréticos; contou um, dois, três e *glug!* enguliu meio fígado sem mastigar. Um gole precipitado de vinho rebateu o empache. E Inácio ficou a esperar, de olhos arregalados, imóvel, a revolução intestina.

Em redor a alegria reinava. Riam-se, palestravam ruidosamente, longe de suspeitarem o suplício daquele mártir; posto a tormentos de uma nova espécie.

– Você já reparou Miloca, na ganja da Sinharinha? disse uma sirigaita de *beleza* na testa. Está como quem viu o passarinho verde... e olhou de soslaio para Inácio.

O calouro, entretanto, não deu fé da tagarelice; surdo às vozes do mundo, todo se concentrava na auscultação das vozes viscerais. Além disso, a tortura não estava concluída: tinha ainda diante de si a segunda parte do fígado engulhento. Era mister atacá-la e concluir de vez a ingestão penosa. Inácio engatilhou-se de novo e – um, dois, três: *glug!* – lá rodou, esôfago abaixo, o resto da miserável glândula.

Maravilha! Por inexplicável milagre de polidez,

o estômago não reagiu. Estava salvo Inácio. E como estava salvo, voltou lentamente a si, muito pálido, com o ar lorpa dos ressuscitados. Chegou a rir-se. Riu-se alvarmente, de gozo, como ria Hercules após o mais duro dos seus trabalhos. Seus ouvidos ouviam de novo rumores do mundo, seu cérebro voltava a funcional normalmente e seus olhos volveram outra vez às visões habituais.

Estava nessa doce beatitude, quando:

– Não sabia que o senhor gostava tanto de fígado, disse dona Luisa, vendo-lhe o prato vazio. Repita a dose.

O instinto de conservação de Inácio pulou em guarda. E, fora de si outra vez, o pobre moço exclamou, tomado de pânico:

– Não! Não! Muito obrigado!...

– Ora, deixe-se de luxo! Tamanho homem com cerimônias em casa de amigos. Coma, coma, que não é vergonha gostar de fígado. Aqui está o Lemos, que se péla por uma isca.

– Iscas são comigo, confirmou o velho. Lá isso não nego. Com elas* ou sem elas, nunca as enjeitei. Tens bom gosto, rapaz. Serve-lhe, serve-lhe mais, Luisa.

E não houve salvação! Veio para o prato de Inácio um novo naco – este formidável, dose dupla.

Não se descreve o drama criado no seu organismo. Nem um Shakespeare, nem Conrad – ninguém dirá nunca os lances trágicos daquela estomacal tragédia sem palavras Nem eu, portanto. Direi somente que à memória de Inácio acudiu o caso da Nora de Ibsen na *Casa de Bonecas*, e disfarçadamente ele aguardou o milagre.

E o milagre veio! Um criado estouvadão, que entrava com o peru, tropeçou no tapete e soltou a ave no colo de uma dama. Gritos, reboliço, tumulto. Num lampejo de gênio, Inácio aproveitou-se do incidente para agarrar o fígado e metê-lo no bolso.

Salvo! Nem dona Luisa nem os vizinhos perceberam o truque – e o jantar chegou à sobremesa sem maior novidade.

Antes da dança lembrou alguém recitativos e a esprevidadíssima Miloca veio ter com Inácio.

– A festa é sua, doutor. Nós queremos ouvi-lo. Dizem que recita admiravelmente. Vamos, um sonetinho de Bilac. Não sabe? Olhe o luxinho! Vamos, vamos! Repare quem está no piano. Ela... Nem assim? Mauzinho!... Quer decerto que a Sinharinha insista?... Ora, até que enfim! A *Douda de Albano*? Conheço sim, é linda, embora um pouco fora de moda. Toque a *Dalila*, Sinharinha, bem piano... assim...

Inácio, vexadíssimo, vermelhíssimo, já em suores, foi para o pé do piano, onde a futura consorte preludiava a *Dalila* em surdina. E declamou a *Douda de Albano*.

Pelo meio dessa hecatombe em verso, ali pela quarta ou quinta desgraça, uma baga de suor escorrida da testa parou-lhe na sobrancelha, comichando qual importuna mosca. Inácio lembra-se do lenço, e saca-o fora. Mas com o lenço vem o fígado, que *faz plaf!* no chão. Uma tossida forte e um pé plantado sobre a infame víscera, manobras do instinto, salvam o lance.

Mas desde esse momento a sala começou a observar um extraordinário fenômeno. Inácio, que tanto se fizera rogar, não queria agora sair do piano. E mal terminava um recitativo, logo iniciava outro, sem que ninguém lho pedisse. É que o aconrentava àquele posto, novo Prometeu, o implacável fígado...

Inácio recitava. Recitou, sem música, o *Navio negreiro*, *As duas ilhas*, *Vozes da África*, *O Tejo era sereno*.

Sinharinha, desconfiada, abandonou o piano. Inácio, firme. Recitou o *Corvo* de Edgar Poe, traduzido pelo senhor João Kopke; recitou o *Quisera amar-te*, o *Acorda donzela*; borbotou poemetas, modinhas e quadras.

Num canto da sala Sinharinha estava chora-não-chora. Todos se entreolhavam. Teria enlouquecido o moço?

Inácio, firme. Completamente fora de si (era a quarta vez que isso lhe acontecia naquela festa) e farto já de recitativos de salão, recorreu aos *Lusiadas*. E declamou *As armas e os barões*, *Estavas, linda Inês*, *Do reino a rédea leve*, o *Adamastor* – tudo!...

E esgotado Camões ia-lhe saindo um ponto de Filosofia do Direito – *A escola de Bentham* – a coisa última que lhe restava de cor na memória, quando perdeu o equilíbrio, escorregou e caiu, patenteando aos olhos arregalados da sala a infamérrima víscera de má morte...

O resto não vale a pena contar. Basta que saibam que o amor de Sinharinha morreu nesse dia; que a conspiração matrimonial falhou; e que Inácio teve de mudar de terra. Mudou de terra porque o desalmado major Lemos deu de espalhar pela cidade inteira que Inácio era, sem dúvida, um bom rapaz, mas com um grave defeito: quando gostava de um prato não se contentava de comer e repetir – ainda levava escondido no bolso o que podia...

* as batatas